



## USO DE ANTIDEPRESSIVOS E RISCO CARDIOVASCULAR

Clícia Rangel Botelho Robaina de Souza , Ana da Justa Bartolo , Beatriz Macias Kirk , Rafael Lacerda Gurgel do Amaral , Vitória Camara Campello , Jéssika Fernanda Rocha Santos , Ingridy Maria Cruz dos Santos , Arlene Gama Matos Machado , Eduardo Neves Sales , Juscelino Martins de Oliveira Júnior , Pedro Bento Alves Paglioli , Valter Jonso Carmo , Julyanne Pereira Lustosa de Carvalho Bouzada , Alexsandro da Silva Pereira , Héllen Silva Carvalho Gama , . Carlos Bruno Gonçalves Viana , Júlia Martins Barbalho , Maria Tereza Freire Cardozo , Camila Soares Braga Silva , . Thiago Lomanto de Goes Brito , Maria Eugênia Sobreira de Lima , João Mário de Carvalho Modesto Ângelo



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n5p1777-1786>

Artigo recebido em 21 de Abril e publicado em 31 de Maio de 2025

### REVISÃO DE LITERATURA

#### Resumo

O artigo analisa a relação entre o uso de antidepressivos e o risco cardiovascular, especialmente em pessoas sem histórico de doenças cardíacas. A pesquisa bibliográfica aponta que alguns antidepressivos, como os tricíclicos, podem aumentar o risco de arritmias, hipertensão e morte súbita, sobretudo em idosos e mulheres. Apesar disso, antidepressivos mais modernos tendem a apresentar menor impacto cardiovascular. Quando bem indicados, podem até reduzir riscos ao controlar o estresse e fatores psicossociais. O estudo reforça a importância de acompanhamento médico e de uma abordagem integrada que considere tanto a saúde mental quanto a física.

**Palavras Chave:** antidepressivos; risco cardiovascular; uso de antidepressivos e o risco cardiovascular

## 1. INTRODUÇÃO

A realidade contemporânea evidencia um aumento expressivo nos casos de transtornos mentais, especialmente a depressão, que figura entre as principais causas de incapacidade no mundo. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, mais de 300 milhões de pessoas são afetadas globalmente, refletindo um problema de saúde pública de grande magnitude. Paralelamente, cresce de maneira significativa o uso de antidepressivos, medicamentos fundamentais no tratamento da depressão, mas que passaram a ser analisados sob uma perspectiva mais cautelosa, sobretudo em relação aos possíveis impactos negativos na saúde cardiovascular, considerando que seus efeitos colaterais vêm sendo cada vez mais investigados na literatura científica (Jang et al., 2020).

Apesar dos avanços obtidos na produção de antidepressivos mais seguros, o uso contínuo dessas substâncias pode representar riscos, principalmente em indivíduos com características clínicas específicas, como idosos ou pessoas com predisposição genética. Estudos apontam que determinadas classes, como os antidepressivos tricíclicos, estão associadas a efeitos adversos como hipertensão, arritmias e aumento na probabilidade de infarto e acidente vascular cerebral (De Sousa et al., 2024). Esse contexto revela a necessidade de avaliar cuidadosamente os riscos cardiovasculares, principalmente em populações mais vulneráveis, como mulheres, que apresentam maior prevalência de depressão e, conseqüentemente, maior exposição a esses riscos (Avila; Rivera; Rivera, 2023).

Diante dessa problemática, surge a reflexão sobre como o uso de antidepressivos pode interferir no desenvolvimento de eventos cardiovasculares em pessoas sem histórico prévio de doenças cardíacas. Algumas hipóteses são levantadas, como a possibilidade de que certos antidepressivos realmente aumentem esse risco, especialmente em pacientes com comorbidades, enquanto outros apresentam um perfil de segurança cardiovascular mais favorável, como os inibidores seletivos da recaptção de serotonina (Jang et al., 2020). Não se pode ignorar que a própria depressão não tratada representa um fator de risco cardiovascular, o que gera um dilema clínico relevante (Avila; Rivera; Rivera, 2023).

Diante desse cenário, torna-se fundamental analisar a relação entre o uso de antidepressivos e o risco cardiovascular, com foco em indivíduos sem histórico prévio de doenças cardíacas. Essa análise permite compreender os mecanismos pelos quais esses medicamentos podem afetar o sistema cardiovascular, identificar quais classes apresentam maior ou menor risco e refletir sobre as conseqüências clínicas desse conhecimento. O aprofundamento desse debate é essencial tanto para aprimorar a prática médica quanto para garantir mais segurança no uso dessas medicações, especialmente em públicos mais expostos,

como idosos e mulheres, contribuindo também para orientar políticas de saúde mais conscientes e seguras (De Sousa et al., 2024; Jang et al., 2020; Avila; Rivera; Rivera, 2023).

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa foi construída a partir de uma abordagem bibliográfica, fundamentada em materiais acadêmicos já publicados, como livros, artigos científicos e dissertações. Essa escolha metodológica, segundo Gil (2019), proporcionou uma visão ampla e detalhada sobre a relação entre o uso de antidepressivos e os riscos cardiovasculares, permitindo uma análise crítica das informações disponíveis. Marconi e Lakatos (2019) reforçam que a pesquisa bibliográfica vai muito além da simples coleta de dados, pois envolve interpretação, reflexão e questionamento sobre os achados científicos, o que contribuiu para que o estudo se tornasse não apenas técnico, mas também sensível às questões que impactam diretamente a vida das pessoas.

O levantamento dos dados aconteceu entre fevereiro e abril de 2025, utilizando bases de dados de alto rigor científico, como Scielo, PubMed, ScienceDirect e Google Acadêmico. As buscas priorizaram artigos publicados entre 2014 e 2024, garantindo que o material refletisse as discussões mais atuais sobre o tema. As palavras-chave foram definidas cuidadosamente tanto em português quanto em inglês, incluindo uso de antidepressivos, risco cardiovascular, eventos cardiovasculares, antidepressant use, cardiovascular risk e major adverse cardiovascular events (Gil, 2019).

Os critérios de seleção foram definidos de maneira rigorosa e, ao mesmo tempo, sensível às necessidades do estudo. Foram incluídos trabalhos recentes, escritos em português, inglês ou espanhol, que abordassem diretamente os impactos dos antidepressivos na saúde cardiovascular de indivíduos adultos sem diagnóstico prévio de doenças cardíacas. Foram priorizados estudos robustos, como revisões sistemáticas, meta-análises, ensaios clínicos e pesquisas observacionais, desde que apresentassem dados consistentes e relevantes. Por outro lado, materiais desatualizados, sem acesso completo, resumos de eventos, cartas ao editor e textos que fugiam do tema foram excluídos. A análise dos dados partiu da leitura atenta dos resumos e avançou para a avaliação completa dos textos, permitindo construir uma narrativa fundamentada, reflexiva e conectada às realidades enfrentadas tanto na prática clínica quanto na vida dos pacientes (Marconi; Lakatos, 2019; Gil, 2019).

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados levantados durante a pesquisa revelaram um cenário complexo e, ao mesmo tempo, sensível sobre a relação entre o uso de antidepressivos e os riscos cardiovasculares.

Diversos estudos convergem na compreensão de que, embora esses medicamentos sejam fundamentais para o manejo de transtornos mentais, eles não estão isentos de efeitos colaterais relevantes, especialmente sobre a saúde do coração. Pesquisas como a de Ávila, Rivera e Rivera (2023) destacam que mulheres apresentam uma tríade de risco envolvendo depressão, doenças cardiovasculares e questões hormonais, muitas vezes subestimadas na prática clínica. Ao mesmo tempo, Breder, Cruz e De Freitas (2023) alertam para o risco aumentado de morte súbita cardíaca, associado ao uso de determinados antidepressivos, especialmente em contextos de uso prolongado ou sem acompanhamento adequado.

Outros trabalhos trouxeram nuances importantes, como o de Behlke, Lenze e Carney (2020), que apontam que os antidepressivos de gerações mais recentes apresentam menor impacto cardiovascular quando comparados aos mais antigos, embora os riscos não sejam completamente descartados. O estudo de Cao et al. (2024) reforça essa visão, demonstrando uma associação bidirecional, onde tanto os transtornos mentais quanto o uso dos antidepressivos podem contribuir para o desenvolvimento de doenças cardiovasculares. Ao mesmo tempo, a análise de Hamdan et al. (2023) apresenta uma perspectiva otimista ao sugerir que, quando bem indicados e monitorados, alguns antidepressivos podem até colaborar na redução de certos riscos cardiovasculares, especialmente por atuarem no controle do estresse e de fatores psicossociais que, comprovadamente, impactam a saúde do coração.

<b>Autor(es)</b>	<b>Ano</b>	<b>Resultado Principal</b>
Ávila, Rivera e Rivera	2023	Evidenciaram maior risco cardiovascular em mulheres com depressão, ressaltando uma tríade subestimada
Breder, Cruz e De Freitas	2023	Associaram antidepressivos a risco de morte súbita cardíaca e outros efeitos adversos cardiovasculares
Behlke, Lenze e Carney	2020	Apontaram que antidepressivos mais modernos possuem menor impacto cardiovascular em idosos
Cao et al.	2024	Identificaram associação bidirecional entre antidepressivos, transtornos mentais e doenças cardíacas
Hamdan et al.	2023	Sugeriram que antidepressivos, quando bem indicados, podem reduzir alguns efeitos cardiovasculares

Os resultados aqui apresentados trazem um equilíbrio delicado entre os benefícios e os riscos envolvidos no uso de antidepressivos, especialmente quando se observa o impacto na saúde cardiovascular. As evidências, embora consistentes em diversos pontos, também demonstram divergências dependendo do perfil do paciente, do tipo de medicamento utilizado e da presença de fatores de risco pré-existentes. A partir dessas constatações, a próxima etapa será aprofundar essa análise na discussão, confrontando os dados encontrados com os referenciais teóricos e as práticas atuais da área da saúde.

O debate sobre os impactos do uso de antidepressivos na saúde cardiovascular tem ganhado espaço justamente pela crescente demanda por esses medicamentos, especialmente em contextos onde transtornos como depressão e ansiedade se tornam cada vez mais frequentes. O estudo de Costa et al. (2024) evidencia que o uso exacerbado de antidepressivos, muitas vezes sem acompanhamento médico adequado, levanta sérias preocupações, sobretudo quando se observa o aumento de complicações cardíacas em determinados perfis de pacientes. Esse alerta se torna ainda mais relevante ao considerar que parte desses usuários desconhece os riscos associados ao uso contínuo desses fármacos, principalmente em combinação com outros fatores de risco, como sedentarismo, hipertensão e obesidade.

Pesquisadores como Breder, Cruz e De Freitas (2023) reforçam essa preocupação ao apresentarem dados que relacionam o uso de antidepressivos a um risco maior de morte súbita cardíaca. Esse risco, segundo os autores, não está isolado, pois surge associado a outros efeitos adversos cardiovasculares, como arritmias, elevação da pressão arterial e alterações na condução elétrica do coração. A preocupação se intensifica especialmente em pacientes que utilizam antidepressivos tricíclicos e inibidores seletivos da recaptação de serotonina, classes que, apesar de muito prescritas, exigem monitoramento rigoroso quanto às condições cardíacas dos pacientes.

Por outro lado, Hamdan et al. (2023) trazem uma perspectiva um pouco mais otimista ao destacarem que o uso bem orientado de certos antidepressivos pode, inclusive, reduzir alguns riscos cardiovasculares. Isso acontece porque, ao tratar adequadamente quadros depressivos e de ansiedade, os pacientes experimentam uma diminuição significativa nos níveis de estresse, na inflamação sistêmica e na ativação crônica do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, todos fatores que impactam diretamente na saúde do coração. Entretanto, os autores são enfáticos ao reforçar que esse benefício só ocorre quando há acompanhamento especializado, doses bem ajustadas e escolha criteriosa do medicamento.

O estudo de Cao et al. (2024) amplia essa discussão ao apresentar dados sobre uma relação bidirecional. De acordo com essa pesquisa, tanto os transtornos mentais quanto o uso dos antidepressivos podem ser agentes precursores no desenvolvimento de doenças cardiovasculares. Isso significa que a própria depressão, quando não tratada, aumenta o risco de eventos cardíacos, ao mesmo tempo em que alguns antidepressivos, dependendo de seu perfil farmacológico, também podem desencadear efeitos adversos sobre o sistema cardiovascular.

Behlke, Lenze e Carney (2020) oferecem uma análise específica voltada para pacientes idosos ou com alto risco cardiovascular, alertando que esse grupo deve receber atenção diferenciada na prescrição de antidepressivos. Segundo os autores, as medicações mais

modernas, como os inibidores seletivos da recaptação de serotonina e os inibidores da recaptação de serotonina e noradrenalina, tendem a apresentar um perfil de segurança cardiovascular mais favorável. Mesmo assim, destacam que não existe isenção total de riscos, especialmente quando essas drogas são administradas por longos períodos ou em dosagens elevadas.

Outro ponto que surge nesse debate é o contexto do uso indiscriminado dos antidepressivos, especialmente entre populações mais jovens, como apontam Neri, Teston e De Medeiros Araújo (2020). A pesquisa demonstra que o aumento da automedicação entre acadêmicos da área da saúde, impulsionado por altos níveis de estresse, ansiedade e pressão acadêmica, eleva não só o risco de dependência psicológica, mas também o surgimento de complicações cardiovasculares silenciosas, muitas vezes ignoradas até que se manifestem clinicamente.

Matos et al. (2024) também se debruçam sobre os riscos e trazem um alerta relevante. A utilização contínua desses medicamentos, quando não acompanhada de intervenções terapêuticas complementares como psicoterapia, tende a gerar uma dependência farmacológica, além de aumentar a exposição aos efeitos adversos cardiovasculares. Essa situação se agrava em cenários onde os pacientes, em busca de alívio imediato dos sintomas emocionais, negligenciam a prática de atividades físicas, a alimentação saudável e o controle dos fatores metabólicos.

Por sua vez, Machado Filho (2024) destaca que não se pode ignorar a influência dos fatores emocionais negativos sobre a saúde cardíaca. O autor explica que a depressão, além de ser um fator de risco independente para infarto e insuficiência cardíaca, potencializa comportamentos prejudiciais, como tabagismo, sedentarismo e abuso de álcool. Dessa forma, surge um ciclo em que a própria condição mental impacta o coração, e o tratamento, quando baseado exclusivamente em antidepressivos, sem intervenções integradas, pode não ser suficiente para romper esse ciclo.

De Souza et al. (2021) aprofundam esse entendimento ao demonstrar como os fatores psíquicos e emocionais negativos estão diretamente ligados ao desenvolvimento de doenças cardiovasculares. A pesquisa traz dados consistentes que relacionam estresse crônico, depressão e ansiedade com inflamação vascular, disfunção endotelial e aumento da pressão arterial, reforçando a importância de uma abordagem multidisciplinar tanto no tratamento dos transtornos mentais quanto na prevenção de complicações cardíacas.

Por outro lado, a pesquisa de Valença, Guimarães e Da Paixão Siqueira (2020) levanta uma preocupação crescente sobre o aumento das prescrições de antidepressivos em crianças e

adolescentes. O estudo alerta que, além dos riscos emocionais e comportamentais, essa faixa etária começa a apresentar sinais de impacto cardiovascular precoce, ainda pouco explorado pela literatura científica, mas que merece atenção pela possibilidade de efeitos cumulativos ao longo da vida.

Os dados reunidos demonstram que o uso de antidepressivos, apesar de ser uma ferramenta essencial no manejo dos transtornos mentais, carrega consigo um conjunto de riscos e benefícios que precisam ser avaliados com muita cautela. A interação entre saúde mental e saúde cardiovascular se revela muito mais profunda do que se imaginava, exigindo dos profissionais de saúde uma abordagem que vá além da prescrição medicamentosa. Frente a essa complexidade, a continuidade desta análise será direcionada à interpretação crítica desses achados, buscando aprofundar as possíveis implicações clínicas, sociais e de saúde pública.

#### **4. CONCLUSÃO**

Diante dos resultados apresentados, ficou evidente que o uso de antidepressivos está diretamente ligado a potenciais riscos cardiovasculares, especialmente quando há uso prolongado ou sem acompanhamento médico adequado. A proposta de compreender essa relação foi alcançada, já que foi possível trazer à tona dados que esclarecem como os efeitos desses medicamentos podem impactar a saúde do coração, tanto de forma positiva quanto negativa, dependendo do contexto, das dosagens e do perfil de cada paciente.

O desenvolvimento deste estudo contribuiu de maneira significativa para ampliar a visão sobre os desafios no uso de antidepressivos, principalmente ao destacar que o tratamento de transtornos mentais não deve se limitar ao controle dos sintomas emocionais, mas precisa também considerar os reflexos que isso pode gerar na saúde física. Isso reforça a necessidade de uma atuação mais integrada entre psiquiatria, cardiologia e psicologia, mostrando o quanto o olhar multidisciplinar é essencial nesse cenário.

Apesar dos avanços, percebeu-se que ainda existem lacunas importantes que precisam ser preenchidas. A maioria dos estudos atuais concentra-se em grupos específicos ou em situações clínicas bem definidas, o que limita a compreensão dos efeitos desses medicamentos em populações mais amplas e diversas. Também faltam investigações de longo prazo que avaliem como o uso contínuo de antidepressivos pode impactar o sistema cardiovascular ao longo dos anos, especialmente em jovens e em pessoas sem fatores de risco aparentes.

Diante dessas percepções, surge a necessidade de fomentar novas pesquisas que explorem, de forma mais aprofundada, os mecanismos biológicos que ligam a saúde mental às doenças cardiovasculares. E, seria extremamente relevante desenvolver estudos que avaliem

estratégias alternativas e complementares ao uso de medicamentos, como intervenções psicossociais, mudanças no estilo de vida e práticas integrativas. Esses caminhos podem oferecer respostas mais completas e sustentáveis, tanto para o cuidado com a saúde mental quanto para a preservação da saúde cardiovascular.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVILA, Walkiria Samuel; RIVERA, Maria Alayde Mendonça; RIVERA, Ivan Romero. Depressão, Doença Cardiovascular e Sexo Feminino: Uma Tríade Subestimada. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 120, n. 7, p. e20220858, 2023.

BREDER, Camila Vieira; CRUZ, Isabela Souza; DE FREITAS, Odilon Gariglio Alvarenga. RISCO DE MORTE SÚBITA CARDÍACA E EFEITOS ADVERSOS CARDIOVASCULARES ASSOCIADOS AO USO DE ANTIDEPRESSIVOS. 2023.

BEHLKE, Lauren M.; LENZE, Eric J.; CARNEY, Robert M. The cardiovascular effects of newer antidepressants in older adults and those with or at high risk for cardiovascular diseases. **CNS drugs**, v. 34, p. 1133-1147, 2020.

CAO, Hongbao et al. Bidirectional associations between mental disorders, antidepressants and cardiovascular disease. **BMJ Ment Health**, v. 27, n. 1, 2024.

COSTA, Dionei Alchaar et al. O USO EXACERBADO DE ANTIDEPRESSIVOS EM PACIENTES PSIQUIÁTRICOS. **Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 16, n. 2, p. 8-8, 2024.

DE SOUSA, Dulciene Dias et al. Risco de intoxicação por uso indiscriminado de antidepressivos no público idoso: revisão de literatura. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 9, p. e5896-e5896, 2024.

DE SOUZA, Victor Carneiro et al. Influência dos fatores psíquicos e emocionais negativos no surgimento de doenças cardiovasculares: uma revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 5, p. e7461-e7461, 2021.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas. 2019.

HAMDAN, Mariam Walid et al. Redução de efeitos cardiovasculares com o uso de antidepressivos: uma revisão da literatura. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 4, p. 147-163, 2023.

JANG, Ha Young et al. Antidepressant use and the risk of major adverse cardiovascular events in patients without known cardiovascular disease: a retrospective cohort study. **Frontiers in Pharmacology**, v. 11, p. 594474, 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

NERI, João Vítor Denis; TESTON, Ana Paula Margioto; DE MEDEIROS ARAÚJO, Daniela Cristina. Uso de ansiolíticos e antidepressivos por acadêmicos da área da saúde: uma revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 75673-75686, 2020.

HAMDAN, Mariam Walid et al. Redução de efeitos cardiovasculares com o uso de antidepressivos: uma revisão da literatura. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 4, p. 147-163, 2023.



MATOS, João Victor Messias et al. O uso de antidepressivos e ansiolíticos: compreendendo os riscos. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 1, p. 1882-1893, 2024.

MACHADO FILHO, David Eulálio Couto. EFEITOS DOS MEDICAMENTOS PSIQUIÁTRICOS NA SAÚDE CARDIOVASCULAR: REVISÃO DE LITERATURA. **Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 16, n. 1, p. 6-6, 2024.

VALENÇA, Renata Cristiny Pereira; GUIMARÃES, Shayane Barros; DA PAIXÃO SIQUEIRA, Lidiany. Prescrição e uso de antidepressivos em crianças e adolescentes—uma revisão da literatura. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 94860-94875, 2020.